

A resistência das corpas

Por Ivana Moura¹

As perspectivas libertadoras do feminino e as questões de gênero correm em fluxos entre palavras e gestos, em atitudes de querências de mudanças no espetáculo *Marcas d'água*, do Grupo de Teatro Tropa do Vale, de São José dos Campos, município do Vale do Paraíba Paulista, situado a leste da capital de São Paulo.

As corpas que carregam um manancial de experiências e suas presenças já falam e remetem para muitos territórios, incontáveis lutas impregnadas na pele na carne e nos ossos das artistas da peça, que foi apresentada no Festival no dia 9 de setembro, no Centro de Estudos Teatrais – CET, em SJC.

Meire Pedroso, uma mulher madura com quase 40 anos de teatro, e Guia, uma mulher trans, forte e doce, ocupam o palco e traçam diálogos com o feminino em sua multiplicidade sagrada e profana. Meire emerge dos rios que mergulhou, na sua Cuiabá natal, no seu São José abraçado. Das giras da vida, a intérprete aciona seus arquivos repletos de afetos.

Marcas D'Água mostra-se um espetáculo em processo. Inacabado, com a sinalização para tantas veredas.

Guia passou a atuar e dirigir duas semanas antes dessa reestreia. Então, vários movimentos estão por vir, ideias fervilhando para chegar ao palco.

A proposta de dramaturgia se volta para o protagonismo feminino. O assunto é amplo e talvez um ajuste de foco permitisse uma maior fruição, que já foi bem alta

¹ Jornalista, crítica de teatro, escritora, artista e produtora cultural. Idealizadora e editora do Satisfeita, Yolanda? (www.satisfeitayolanda.com.br), site de crítica teatral e áreas afins, que funciona desde 2011. Mestra em Letras / Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2005). Doutoranda em Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP.

pelos espectadores de SJC que acompanham – admiram e aplaudem – a trajetória da atriz/poeta Meire Pedroso e reconhecem o talento de Guia.

A encenação foi gestada nas intervenções poéticas e saraus da parceria entre Meire e o poeta/cantador Léo Mandi. Da compilação de poemas, textos de diversas procedências e autorias, músicas, manifestos, vídeos caseiros e profissionais foi construída *Marcas D'água*. Desde seu nascedouro, a obra carrega esse hibridismo.

Trata-se do primeiro trabalho do grupo Tropa do Vale realizado num palco fora do ambiente da rua. Em dezembro de 2019, a peça integrou o projeto *Noite em Processo*, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo. Depois ficou em suspenso devido à pandemia da COVID-19.

Voltou à cena sem o cantador e ganha muitas camadas com a presença de Guia, jovem artista que investe na performance, nos vídeos e em outras linguagens e transversalidades na perspectiva de balançar as estruturas caretas do seu território.

Os arquivos de memória da atriz Meire Pedroso são utilizados com material artístico: das margens do Rio Cuiabá às margens do Rio Paraíba do Sul. Com uma vida rica de experiências, a artista resgata muitas lembranças. E talvez no afã de dizer o máximo, leva uma variedade grande de reminiscências para o palco.

Meire se tornou em SJC uma fonte de inspiração, de força e liderança propulsora de fazeres artísticos. Seu trabalho segue por tempos distintos e isso fica evidenciado no caminhar de Meire, suas mudanças de núcleo narrativo. Ela começa tocando um instrumento uma espécie de reco-reco de bambu.

Faz saudações aos quilombos, clama o poder feminino ancestral, exhibe seus vídeos de águas caudalosas, fala de si numa recordação de diálogo com um amigo íntimo, faz paródia ao sistema educacional (ela é também professora), se posiciona contra o patriarcado. A participação de Guia é mais pontual e ritualística, mas o trabalho em si já reivindica a expansão dessa presença.

Marcas D'água faz uma oferta generosa das riquezas interiores de Pedroso. Mas que chegam quase como quadros isolados. Creio que as passagens dos percursos podem ser encaradas como desafios para criar comunicações internas

mais vivazes. Um entrelace entre os dispositivos para diluir o encadeamento estanque. São pequenas equalizações. Reposicionamento dos vídeos, talvez.

Penso também que não entregar tudo diretamente, deixar mais brechas seria uma possibilidade de potenciar o espetáculo. Como tudo é muito, uma desconstrução do aparato cênico pode levar o trabalho a produzir outras vibrações.

O espetáculo é uma sambada na cara dos fascistas, dos misóginos, dos lgbtqia+fóbicos. Mas pode aprimorar a cadência dessa dança, com ajustes na dramaturgia, amoldamentos de alguns elementos da cena, acentuação da trança dos tempos espiralares e no borrar das fronteiras.

Sabemos que a proposta rejeita os modelos eurocêntricos do fazer teatral e aproxima-se dos rituais afro-brasileiros. E isso é forte, carregado das sinais da resistência e da persistência; nas cruzas e encruzas; no que honra os de antes, os de agora e os que estão por vir. Evoé!